



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

PERCEPÇÃO DOS VISITANTES DO PARQUE NACIONAL DE BRASÍLIA SOBRE SUA INTERAÇÃO COM *CEBUS LIBIDINOSUS*: SUBSÍDIOS PARA UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E DE CONDUTA CONSCIENTE DE VISITANTES DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

Luiza Brasileiro¹

Luzia Etelvina de Almeida²

Carlos Hiroo Saito³

RESUMO: A interação entre primatas e humanos existe há muito tempo, trazendo tanto benefícios quanto prejuízos para ambos os lados. No Parque Nacional de Brasília (PNB), onde grupos de macacos-prego (*Cebus libidinosus*) passaram a se utilizar freqüentemente da área destinada à visitação pública como área de vida, é comum o encontro entre as pessoas e esses macacos. O objetivo deste trabalho foi buscar aprofundar a compreensão sobre a percepção dos visitantes desse Parque em relação aos macacos. O estudo foi realizado no período de agosto a dezembro de 2006 e a região do Parque escolhida foi a área de uso comum de humanos e de dois grupos de macacos-prego, junto às piscinas naturais. Foi aplicado um questionário padronizado com os visitantes do Parque com foco na percepção dos indivíduos em relação aos macacos, e especialmente em relação à sua alimentação. Após análise das respostas dos 52 entrevistados tem-se que apesar da simpatia da maior parte dos visitantes para com os macacos-prego habitantes no local, ainda há pouco conhecimento a respeito da biologia destes animais, assim como contradições entre intenções e práticas das pessoas. O estudo evidencia, ainda, a necessidade de desenvolver ações de educação ambiental que instrumentalize os visitantes para melhor reconhecer os comportamentos e fisionomias dos macacos, assim como a questão relacionada à conservação da biodiversidade, remetendo à necessidade de uma alfabetização científica.

Palavras-chave: macaco-prego; humanos; unidades de conservação da natureza, entrevistas, primatas.

ABSTRACT: The interaction between primates and humans exists for a long time, bringing both benefits and prejudices for each other. In Brasília National Park (PNB), where groups of capuchin monkeys (*Cebus libidinosus*) are used to be present in the area destined to public visiting, it is very common to happen this

1 Mestre em Ecologia pela Universidade de Brasília. Assessora Técnica do Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Distrito Federal-IBRAM. Email: luizabrperreira@yahoo.com.br

2 Bióloga, Especialista em Educação Ambiental, atualmente é Técnica lotada no Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília. E-mail: luziaetelvina@unb.br

3 Biólogo, Doutor em Geografia. Professor do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília, Cx. Postal 04457, CEP 70904-970, Brasília-DF. Email: carlos.h.saito@hotmail.com; carlos.saito@pq.cnpq.br. Laboratório de Ecologia Aplicada <http://www.ecoa.unb.br>

encounters. The objective of this article was to try to deep understand the Park visitors' perception about these monkeys. The study was held between August to December of 2006, and the Park area chosen was the common area between human and monkeys, near the natural swimming pool. Questionnaire was applied to the visitors focusing on their perception related to the monkeys and their feeding. After analyzing 52 respondents, it was clear that although people is very keen of the monkeys, they know very little about their biology, and there area contradictions between their behavior purpose and practices. The study also shows the necessity to develop environmental education actions which could lead the visitors to better recognize the monkeys' behavior and physiognomies, and could also improve their knowledge about biodiversity conservation, in terms of a scientific literacy.

Key words: capuchin monkey, humans, nature conservation unit, interviews, primates.

INTRODUÇÃO

Os primatas do gênero *Cebus* apresentam um longo histórico de interação com humanos. Os relatos começam aproximadamente desde a época em que as expedições européias chegaram às Américas, mas estudos, como os conduzidos com os Guajá na Reserva indígena de Carú no Maranhão (CORMIER, 2003), mostram que algumas tribos aparentemente já se utilizavam destes primatas, seja como animais de estimação, seja como caça (especialmente para os que viviam longe de rios) (FRAGASZY *et al*, 2004). Os indivíduos deste gênero têm ainda sido utilizados em pesquisas biomédicas; podem ser treinados para auxiliar pessoas com deficiências (particularmente as tetraplégicas) (WILLARD *et al*, 1985); e, por sua inteligência e destreza, estão sempre despertando o interesse e atenção das pessoas. Além disso, primatas, em geral, entram freqüentemente em competição direta com os humanos por recursos, sendo, às vezes considerados verdadeiras pragas (SABATINI *et al*, 2006).

Em resumo, a interação entre primatas e humanos são as mais diversas e já existem há muito tempo, trazendo tanto benefícios quanto prejuízos para ambos os lados, e com os *Cebus* não é diferente. No entanto, o crescimento da população humana e de suas atividades tem causando degradação e fragmentação de habitats, trazendo dois tipos de conseqüências: a extinção de várias espécies, ou aproximação cada vez maior daquelas que apresentam maior grau de flexibilidade e se adaptam bem em áreas próximas ou ocupadas por seres humanos (Sabbatini *et al*, 2006). Embora existam várias espécies de *Cebus* em risco de extinção (como *C. xanthosternos*, *C. apella margaritae*, segundo a IUCN *C. Albifrons trinitatis*, segundo Rylands *et al*, 1997), a espécie *C. libidinosus*, a única do gênero existente no Distrito Federal, parece se encaixar no 2º caso.

Um bom exemplo para se observar o efeito da excessiva aproximação entre primatas e seres humanos, é o Parque Nacional de Brasília (PNB), onde grupos de *C. libidinosus* passaram a se utilizar freqüentemente da área destinada à visitação pública (Água Mineral)

como área de vida. De acordo com Fragaszy *et al.*, 2004, apesar das pessoas possuírem atitudes positivas em relação aos macacos, estas não sabem como se comportar adequadamente em relação a eles, interpretar seus comportamentos ou acessar suas necessidades. De fato, muitos visitantes do Parque parecem esquecer que os macacos-prego são animais silvestres e, tornou-se numa cena relativamente comum, vê-los se aproximando excessivamente dos animais, inclusive para dar alimento, muitas vezes na mão, apesar da orientação do Parque de não alimentá-los. Muitos dos visitantes não parecem ter medo do contato com os macacos do Parque, e a interpretação equivocada dos seus comportamentos tem favorecido a ocorrência de situações de conflito entre humanos e animais, muitas vezes resultando em casos de agressões físicas dos animais aos humanos.

Assim, o objetivo deste trabalho foi, a partir do trabalho de Sabatini *et al* (2006), buscar novos elementos para aprofundar a compreensão sobre a percepção dos visitantes do Parque em relação aos macacos, com ênfase na avaliação da capacidade dos visitantes de reconhecer nos primatas comportamentos que possam de imediato resultar em conflito e agressão. A partir deste levantamento, que avalia o nível de alfabetização ecológica dos visitantes, pretende-se avançar em relação à pesquisa anteriormente citada no sentido de gerar subsídios para uma prática de educação ambiental junto aos visitantes, por parte da administração do Parque Nacional de Brasília, promovendo uma conduta consciente de seus visitantes nessa Unidade de Conservação da Natureza.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado no Parque Nacional de Brasília (PNB), na área destinada à visitação pública Água Mineral, mais especificamente na região da “Piscina Velha” no período de agosto a dezembro de 2006. Esta região do PNB é de uso comum de dois grupos de macacos-prego (*Cebus libidinosus*), somando um total de 20 indivíduos, e a interação entre eles e os visitantes tem se tornado corriqueira.

Foi aplicado um questionário padronizado com os visitantes do Parque abordando diversas questões, mas focando-se principalmente na percepção dos indivíduos em relação aos macacos, e especialmente em relação à sua alimentação. O questionário foi testado em dois fins de semana como estudo piloto para avaliar a eficiência do instrumento de coleta de dados.

Foram formuladas 51 perguntas fechadas e abertas, e as entrevistas aplicadas entre as 8h e 16h. As respostas abertas foram classificadas e agrupadas em categorias tal que

possibilitassem análises objetivas e quantitativas, evitando, assim, o erro avaliativo por subjetivação (SAITO *et al.*, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O Parque Nacional de Brasília, criado quase juntamente com Brasília, em 1961, apresenta hoje um total de 31.895,00ha e tem como principais objetivos específicos evitar a predação dos mamíferos; preservar amostra típica do ecossistema Cerrado do Planalto Central; garantir a preservação dos mananciais hídricos que servem de fonte de abastecimento de água para Brasília; promover a recreação e o lazer dentro das dependências do Parque (www.ibama.gov.br); e abrigar a realização de pesquisas científicas (SALGADO, 2000). No entanto, o Plano de Manejo de 1979 apontou como impactos negativos uma série de usos existentes no seu interior, incompatíveis com a verdadeira finalidade de um Parque Nacional. A Água Mineral foi considerada um dos principais focos de problemas sofridos pelo PNB (SALGADO, 2000).

Aparentemente muitos dos visitantes da Água Mineral mal sabem que estão dentro de uma Unidade de Conservação da Natureza, o que pode ser evidenciado pelo estudo de Salgado, 2000, onde 72,7% dos entrevistados afirmaram já ter ido à Água Mineral, mas apenas 47,6% dos mesmos relataram ter ido ao PNB. Estudo anterior de Sabatini *et al.*, 2006 levantou os primeiros dados sobre a interação humanos-macacos nesta Unidade de Conservação da Natureza, chamando ainda mais a atenção para o problema. O mesmo estudo sugere a necessidade de melhorar a consciência dos visitantes. Um trabalho de educação ambiental no Parque Nacional de Brasília parece, portanto, mais que desejável, parece necessário.

1. Perfil dos entrevistados e das interações

Foram entrevistadas um total de 52 pessoas, sendo 25 mulheres e 27 homens. As idades dos entrevistados foram bem variadas (entre 14 e 71 anos), sendo a maioria entre 20 e 30 anos (48%). Aproximadamente 87% dos entrevistados tinha pelo menos o 2º grau completo, e 40% tinham completado o 3º grau. Assim como as profissões, a renda dos entrevistados foi bastante variada, sendo que 75% apresentavam renda igual ou superior a 3 salários mínimos, e 55% acima de 5 salários mínimos.

Apenas um dos entrevistados não mora em Brasília e, dos que moram, apenas um está há menos de 5 anos. 80% moram há pelo menos 20 anos. Além disso, a frequência no

Parque é relativamente alta com apenas 21% dos entrevistados apontando ir apenas raramente ou pela 1ª vez. Todos, sem exceção, afirmaram ter a intenção de voltar.

Devido ao número relativamente baixo de entrevistados e às entrevistas terem sido conduzidas especialmente durante a semana (fora dos períodos que costumam concentrar as massas), é possível que os dados acima não reflitam o perfil geral dos visitantes da Água Mineral. No entanto, ainda assim o trabalho é válido no sentido de ver como essas classes de pessoas se relacionam com o Parque, até porque, mesmo que elas não sejam a maioria, talvez sejam as que vão ao Parque com maior frequência.

A maior parte das pessoas demonstrou possuir um conhecimento básico a respeito da vida selvagem, sendo capaz de definir satisfatoriamente o conceito de animais silvestres (73,08%) e apontando corretamente animais silvestres da fauna nativa (100%), em resposta a que animais poderiam ser encontrados no Parque. Neste último quesito, macacos foram os mais citados, seguido por aves e cobras. É interessante notar que, apesar da maioria ter respondido satisfatoriamente o conceito básico de animais silvestres, e ter citado os macacos como exemplo de animais silvestres existentes no Parque, no decorrer do questionário aparecem diversas contradições sugerindo que não há uma aplicação prática por parte dos visitantes daquilo que eles parecem saber em teoria.

Em relação a quais animais já foram avistados pelos entrevistados, novamente “macaco” é a grande maioria (86%), ainda que não tenham sido chamados sua atenção para este animal em particular. Talvez por se tratarem de animais relativamente pouco comum no cotidiano ou por serem maiores e interessantes, são os que mais chamam a atenção. Há pouca probabilidade das pessoas nunca terem visto insetos, no entanto estes só foram citados 2 vezes (borboletas).

Ao se perguntar diretamente se o entrevistado já tinha visto os macacos no Parque, este percentual subiu, e apenas 1 pessoa (1,92%) afirmou nunca tê-los visto, apesar de saber da sua existência. Dos encontros macacos-visitantes 61,53% ocorreram na piscina velha. Aqui há a possibilidade de um viés, pois é o lugar mais freqüentado pelos turistas, mas de qualquer forma é reafirmado aonde é o principal ponto de encontro e conseqüente interação pessoas-macacos no Parque. Em relação ao que os macacos estavam fazendo quando foram avistados, em 70% dos casos foi apontado algo relacionado à comida (comendo; pegando; roubando) e em 54% foram relatados como “roubando comida”. Houve um relato deles estarem agredindo as pessoas no momento do avistamento.

Apenas dois dos entrevistados admitiram já ter se aproximado dos macacos para dar comida. A maioria admite já ter se aproximado voluntariamente dos macacos (72%), mas, em geral, apenas para observar ou tirar fotos, e que os macacos não fizeram nada em resposta à aproximação ou se afastaram. Além disso, a maior parte disse que os macacos já se aproximaram (64%) e dentre eles, a maioria das vezes para roubar comida (56,25%). Dentre os que já presenciaram a aproximação dos macacos, a maioria disse não ter feito nada quando eles se aproximaram. Os achados neste trabalho a esse respeito foram semelhantes com o trabalho de Sabatini *et al* (2006). Uma das diferenças que vale a pena ressaltar é a porcentagem de entrevistados que afirmaram já terem tido alimento roubado pelos macacos: 21,6% do estudo anterior x 56,25% do atual. Dentre outras possibilidades, esta diferença pode estar indicando exatamente o que seria de se esperar: um aumento ao longo dos anos da aproximação dos animais em relação às pessoas na busca de alimentos antropogênicos.

2. Como os visitantes percebem a relação de proximidade com os macacos-prego da Água Mineral?

Como constatado anteriormente no estudo de Sabatini *et al* (2006), a maioria das pessoas têm opiniões positivas em relação aos macacos e gostam da sua presença. Apenas 6% afirmaram não gostar da presença destes animais no Parque, enquanto que 85% expressaram alguma opinião positiva (interessantes, engraçados, inteligentes ou bonitos), e o restante, indiferente ou opiniões consideradas negativas (incômodos, sujos, feios ou perigosos). Vale ressaltar que apenas 5% dos entrevistados apontaram os macacos como perigosos, e dentre eles, está um dos dois visitantes que admitiram já ter se aproximado dos macacos para dar comida.

Apesar da constante presença, e aparente simpatia pelos macacos, as pessoas demonstraram pouco conhecimento em relação a eles em alguns aspectos. Do total de respondentes, 70% não souberam responder que tipo de macaco era aquele existente no Parque, e dos que responderam, 40% errou. Quando questionados em relação à alimentação dos macacos na natureza, nenhuma pessoa marcou todas as opções corretas. Macacos-prego são animais onívoros, e apresentam a dieta bastante variada. No próprio Parque Nacional os grupos de macacos em questão já foram avistados comendo, por exemplo, lagartixas e pequenos anfíbios (Pinha, 2007). Além disso, flores e insetos são itens absolutamente comuns em sua dieta, no entanto, parece haver uma associação intrínseca entre macacos e frutas, distorcendo o conhecimento das pessoas sobre estes animais e criando estigmas. Em 90% das

respostas a opção “frutas silvestres” foi assinalada, seguida de 65% da opção “frutas de casca dura tipo côco” e 51% “todos os tipo de fruta”. Ao contrário, a opção “insetos” foi assinalada por menos da metade dos entrevistado (39%), assim como “flores” (29%), “lagartixas” (6%) e “pequenos sapos” (4%). É provável que as pessoas associem o que elas estão acostumadas a ver. Por exemplo, apesar de muitas das frutas que os macacos são comumente vistos comendo não existirem normalmente no Cerrado (ex. banana, laranja, maçã...), a opção “todo o tipo de fruta” apareceu em uma proporção consideravelmente maior do que as demais, menos comuns de se observar (insetos, flores, lagartixas e pequenos sapos).

A maioria dos entrevistados acredita que os macacos do Parque têm comida suficiente na mata onde vivem (67%). No entanto, apesar disso, e de 96% dos entrevistados afirmarem nunca terem dado comida para os macacos, 71% acredita não haver problema em dar algum tipo de alimento para eles. Dentre eles os mais citados foram “frutas de casca dura tipo côco” (14,5%) , “qualquer fruta” (14,5%), “milho” (15%) “laranja” (18%) e “banana” (28%), corroborando com o constatado no parágrafo anterior.

Assim como no estudo de Sabatini e colaboradores (2006), aqui também há indícios de contradições entre o que é relatado pelos visitantes e como de fato eles agem. Por exemplo, ao serem questionados sobre alimentar ou não os animais, apenas 3,85% admitiu que já os alimentou, no entanto, 71% não acredita haver problema em dar-lhes algum tipo de alimento. Como foi constatado no estudo anterior, os visitantes aparentam, de fato, procurar responder o que “parece ser a resposta correta”, logo, que, neste caso, eles sabem qual é a resposta correta, e evitam dizer que não a praticam. Neste ponto Sabatini e colaboradores (2006) já chamam a atenção para que, apesar da existências de placas (na época de seu estudo talvez fosse mais de uma) proibindo dar alimento aos animais, não há nenhum de explicação sobre o porquê da proibição. Isso pode ter, e possivelmente tem, grandes consequências sobre a atitude dos visitantes.

A maior parte dos que responderam ao questionário não acham que os macacos se aproximam demais das pessoas. Mas dentre os que acham, 87% apontam a busca por comida antropogênica como o principal fator, e 70% acreditam que a solução seria os visitantes não darem comida aos animais. O que se constatou na pesquisa é que ao contrário da idéia de que os macacos se aproximam demais das pessoas, 56% acreditam que são as pessoas que se aproximam demais dos macacos. e Relembrando, 71% relataram já ter se aproximado deles, e dentre eles, 24% acreditam que essa excessiva aproximação ocorre porque as pessoas querem brincar com os animais, 31% porque são animais interessantes e naturalmente chamam a

atenção das pessoas, e 33% porque os visitantes querem dar comida. Dentre os que acham que as pessoas se aproximam demais, 72% acreditam que a solução para isto seria mais informação e conscientização dos visitantes.

Entraremos agora em uma das maiores contradições encontradas ao longo das entrevistas. Quase a metade dos entrevistados já viram os macacos nervosos alguma vez (43%) e mais da metade se considera capaz de identificar quando eles estão nervosos (68%). Mais de 40% acredita que eles podem atacar quando irritados, e 47% aponta a aproximação excessiva de pessoas como um dos fatores que pode deixa-los irritados. Menos de 2% acredita que a aproximação entre pessoas e os macacos deve ser estimulada e a grande maioria foi capaz de reconhecer algum tipo de possível prejuízo para as pessoas ou para os macacos nesta aproximação (81,94%). No entanto, relembramos aqui que nada menos que 72% admitiu já ter se aproximado deles apenas 38% considera que eles se aproximam demais das pessoas e não mais do que 5% os consideram animais perigosos.

Aparentemente as pessoas sabem que não devem dar comida aos animais; elas conseguem enxergar riscos da excessiva aproximação entre os macacos e os humanos; elas sabem que ser atacada ou mordida por um macaco não é bom, mas ainda assim se aproximam, e acreditam não haver problema em dar algum tipo de alimento aos animais, e de fato dão (pelo que pude observar, mais do que afirmaram diretamente dar). E depois reclamam quando não têm a intenção de dar comida aos macacos e eles roubam, geralmente sem perceber que eles próprios são os causadores indiretos do que reclamam. Esta afirmação fica mais clara, por exemplo, quando observamos que apenas 9,72% dos entrevistados apontaram como uma possível consequência da excessiva aproximação entre humanos e macacos na Água Mineral os animais ficarem mal acostumados e se aproximarem mais.

Vale aqui ressaltar que foi investigado ainda se os visitantes realmente parecem ser capazes de reconhecer as feições dos macacos e identificar quando eles estão irritados. Para isso, foi mostrada três fotos de macacos aos entrevistados e pedido que eles classificassem cada uma das três expressões como “positiva”, “negativa” ou “neutra” e descrevesse o que ele achava que aquela expressão representava. Nessas fotos constantes do questionário o macaco estava (a) bocejando, (b) irritado e ameaçando, e (c) vocalizando pedindo comida. Do total, 61,46% ($\pm 3,83$) classificou corretamente as expressões, e 53,49% ($\pm 7,19$) deu uma descrição considerada correta do que significava. Dentre os que afirmaram saber reconhecer quando os macacos estão nervosos, esta proporção aumentou um pouco e 63,81% ($\pm 8,73$) classificou as expressões corretamente, e 64,72% ($\pm 3,77$) descreveu o seu significado adequadamente.

Muito embora os dados indiquem que a maioria soube reconhecer as expressões dos macacos, cabe dizer que, inversamente, cerca de 40% dos entrevistados não souberam fazer esse reconhecimento de forma correta, o que significa que há ainda uma alfabetização científica a ser feita com essas pessoas. Mais que isso, considerando que muitos dos que erraram afirmaram que sabiam reconhecer quando os macacos estariam nervosos, deve-se dizer que há uma certa “*misconception*” nesse campo e uma avaliação incorreta pelas pessoas do seu próprio nível de conhecimento ou alfabetização científica. Essa soberba pode levar essas pessoas a se exporem a riscos ainda maiores na relação com os macacos, podendo aumentar sobremaneira os incidentes de agressão e conflitos entre humanos e macacos.

Portanto, uma atividade de educação ambiental e orientação a visitantes por meio de placas deve incluir de alguma forma uma orientação adicional sobre o reconhecimento das expressões comportamentais dos macacos, tanto para aumentar o nível de alfabetização científica no assunto quanto para buscar minimizar os riscos de conflito.

Em relação ao tempo que os macacos passam na piscina, dos que acham que eles passam tempo demais naquela área (aproximadamente a metade dos entrevistados) 85% acredita ser a comida o principal fator. Outro fator interessante é que 85% acha que não é bom para os macacos frequentarem esta área da piscina, mas apenas 51% acredita que isto não é bom para os visitantes (apesar de 47,22% perceberem possíveis danos consequentes desta aproximação para os humanos), alegando para isso especialmente a “diversão” proporcionada pelos animais em questão.

3. Como os visitantes percebem a preocupação da administração do Parque em orientar e esclarecer os visitantes com respeito à presença de animais silvestres e seu contato com os humanos?

Os visitantes foram interrogados a respeito das orientações dadas pelo Parque sobre como se comportar frente aos animais. 49,02% afirmou não perceber ou não receber nenhum tipo de orientação por parte do Parque, e dentre os que afirmaram ter recebido algum tipo de orientação, 57,14% ocorreu através de placas. De fato, na área da piscina, há apenas uma placa com algum tipo de orientação referente aos animais (para não alimentá-los), assim, não é de se assustar que quase a metade dos entrevistados não a tenham percebido. Além disso, há o Centro de Visitantes onde são passadas para as pessoas não só informações sobre como se portar frente aos animais silvestres, mas sobre limpeza, e cuidados com o Parque em geral, além de funcionários presentes na região da piscina que devem orientar os visitantes da

mesma forma. No entanto, os 13,72% que apontaram ter recebido algum tipo de orientação por funcionários, e 1,96% que afirmaram ter obtido informações no centro de visitantes, nos fazem, ou deveriam fazer, repensar a eficácia destes métodos e de como estão sendo utilizados.

Ainda dentre os que dos que afirmaram ter recebido algum tipo de informação, 100% concordam com ela, e a maioria (54,17%) acredita que a orientação de não alimentar os animais é dada com o intuito único de preservar os animais, especialmente evitando sua alimentação inadequada.

Considerações Finais

Como foi indicado por muitos visitantes, e é facilmente observado, a situação chegou num tal ponto que, mesmo quando não é oferecido alimento aos macacos, eles roubam dos visitantes. Assim sendo, a curto prazo a medida mais efetiva poderia ser a total proibição da entrada de alimentos no Parque Nacional ou ao menos na região das piscinas (sugestão dada à direção do Parque Nacional de Brasília quando, posteriormente, convocados para buscar solucionar o conflito entre visitantes e macacos). No entanto, esta medida também não poderia ser implantada sem uma fiscalização intensiva e sem trabalho de educação ambiental para explicar aos visitantes o porquê da proibição e melhorar a sua aceitação (48,89% declarou que acharia ruim se o Parque proibisse a entrada de alimentos).

Além disso, o estudo evidencia a necessidade de desenvolver uma educação ambiental que instrumentalize os visitantes para melhor reconhecer os comportamentos e fisionomias dos macacos, remetendo à necessidade de uma alfabetização científica. Além dessa habilidade especial, os visitantes devem ser alfabetizados no que se refere ao domínio dos princípios da biologia da conservação, que diz respeito tanto à importância da diversidade biológica e integridade ecológica, como dos conceitos associados. A alfabetização nesse campo, recomendado pelo comitê de Educação da Sociedade para a Biologia da Conservação (TROMBULAK *et al*, 2004) permitirá aos visitantes um melhor entendimento do papel do Parque Nacional, bem como da conduta consciente em Unidades de Conservação da Natureza, desfazendo as *misconceptions* apresentadas no presente estudo.

Segundo Loureiro (2004) “para construirmos um novo patamar societário e de existência integrada às demais espécies vivas e em comunhão com o mundo, precisamos superar as formas de alienação que propiciam a dicotomia sociedade/natureza”. O autor aponta, ainda, a importância de se trabalhar a educação ambiental de uma maneira mais

concreta e com sujeitos situados espacial e temporalmente. Já Jacobi (2004) destaca que “a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, onde a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento: o desenvolvimento sustentável” e chama a atenção para a importância da “ambientalização da educação.”

Assim, a presença de ações voltadas para educação ambiental na Água Mineral seria de grande relevância, pois, além de tratar-se de um bom lugar para a democratização do conhecimento ambiental dado o variado perfis de visitantes (tanto etário quanto econômico), trata-se de uma oportunidade de transmitir informações voltadas para o meio ambiente dentro de um contexto concreto e específico, onde os próprios visitantes frequentadores do Parque podem se sentir inseridos e, portanto, co-responsáveis dos problemas surgidos no local.

Em reuniões com membros da administração do Parque Nacional de Brasília, as possibilidades de algumas atividades foram levantadas, como a produção de *folders* ou de *banners* (visando diminuir a produção de lixo causada por *folders*) a serem entregues ou colocados na entrada da Água Mineral com informações acerca da conservação do lugar, começando por informar que ali é uma Unidade de Conservação da Natureza de Proteção Integral, e sobre os riscos da excessiva aproximação entre seres humanos e animais silvestres, tanto para o homem quanto para os animais. Outra possibilidade foi a utilização de atividades mais lúdicas como apresentação de teatro de bonecos em dias e horários de pico com a intenção de atingir especialmente o público infantil e incentivá-los a repassar a informação aos adultos.

Outra ação de grande importância seria a revitalização do Centro de Visitantes do Parque a fim de torná-lo mais atrativo, e que os visitantes, de fato, fossem conhecê-lo. A idéia é que a abordagem dos visitantes na área da piscina fosse apenas o primeiro contato e um estimulante para que, chegando ao centro de visitantes fosse possível passar um número de informação maior e mais detalhado. No entanto, o ideal é que haja orientação e aprofundamento metodológico para que as atividades desenvolvidas neste contexto atinjam e sensibilizem os visitantes de diferentes perfis de maneira efetiva.

Quem sabe, à medida que estas informações cheguem aos frequentadores desta, e de outras Unidades de Conservação onde seja possível o contato com a fauna silvestre, evite que aconteçam episódios como o ocorrido no mesmo Parque Nacional de Brasília, após o término deste trabalho, onde, segundo notícia divulgada no *site* do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) em 24 de setembro de 2009, um senhor

freqüentador do Parque foi detido e confessou ser o responsável pela morte de três macacos prego no local. Segundo a notícia, o senhor responsabilizava os macacos pelo desaparecimento de aves no Parque (fato sem nenhum estudo, logo, sem nenhuma comprovação científica) e, portanto, resolveu reduzir a sua população lhes oferecendo sanduíches envenenados (www.icmbio.gov.br).

O caso relatado na notícia não poderia ser mais ilustrativo dos tipos de problemas e de desfechos negativos que podem trazer a excessiva aproximação entre seres humanos e animais silvestres e, principalmente, a alienação a respeito da relação homem-natureza.

REFERÊNCIAS:

CORMIER, L. A. *Kinship with Monkeys: The Guaja Foragers of Eastern Amazonia*. New York: Columbia University Press, 2003.

FRAGASZY, D. M., VISALBERGHI, E.; FEDIGAN, L. M. *The complete capuchin: the biology of the genus Cebus*. 1ª edição. Cambridge University Press. Cambridge, United Kingdom, 2004

JACOBI, P. 2004. Educação e meio ambiente – transformando as práticas. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. 0: 13 – 20.

LOUREIRO, C. F. B. 2004. Educar, participar e transformar em educação ambiental. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*. 0: 28 – 35.

RYLANDS, A. B., MITTERMEIER, R. A.; RODRIGUEZ-LUNA, E. Conservations of neotropical primates: threatened species and an analysis of primate diversity by country and region. *Folia Primatologica*. v.68, p.134-160, 1997.

SABBATINI, G., STAMMATI, M., TAVARES, M. C. H., GIULIANI, V.; VISALBERGHI, E. Interactions between humans and capuchin monkeys (*Cebus libidinosus*) in the Parque Nacional de Brasília, Brazil. *Applied Animal Behaviour Science*. v.97, p.272-283, 2006.

SAITO, C. H., PEDROSA, L. P., ZATZ, M. G., SANTOS, G. B., GOMES, L. A. H., RAMOS, G. T., TEIXEIRA, A. C. A. N., SOUZA, M. A., SCHERER, S. D., BASTOS, D., LOBO, T. O. T. A., OLIVEIRA, M. C., SEBATA, E. G., SILVA, R. N., LIMA, A. S., ABREU, L. C. R., SANT'ANNA, M. E.; MONTEIRO, A. M. F. A matança de gatos na UnB: estilhaços da distância entre homens e animais. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. v.9, p.124-136, 2002.

SALGADO, G. S. M. *Economia e gestão de áreas protegidas: o caso do Parque Nacional de Brasília*. 119f., 2000. Dissertação de Mestrado em Gestão Econômica do Meio Ambiente, Universidade de Brasília. Brasília-DF,

PINHA, P. S. 2007. *Interações sociais em grupos de macacos-prego (Cebus libidinosus) no Parque Nacional de Brasília*. -, 67f., 2007. Dissertação de Mestrado em Ecologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF.

TROMBULAK, S.C; OMLAND, K.S.; ROBINSON, J.A.; LUSK, J.J.; FLEISCHNER, T.L.; DOMROESE, M. Principles of Conservation Biology: Reccomender Guidelines for Conservation Literacy from the Education Committee of the Society for Conservation Biology. *Conservation Biology* v.18, n.5, p.1180-1190, 2004.

WILLARD, M. J., LEVEE, A.; WESTBROOK, L. The psychological impact of simian aides on quadriplegics. *Einstein Quartely Journal of Biology and Medicine*. 3: 104 – 106, 1985.

www.ibama.gov.br

www.icmbio.gov.br

www.iucn.org